

ARY VIDAL: IMPRENSA E DESAFIO BIOGRÁFICO NA TRAJETÓRIA DE UM TÉCNICO DE BASQUETE

*ARY VIDAL: PRESS AND BIOGRAPHICAL CHALLENGE
IN THE CAREER OF A BASKETBALL COACH*

GUILHERME MAZUI ROESLER¹

RESUMO

Este artigo discute uma pesquisa em curso que recupera a trajetória de Ary Ventura Vidal (1935-2013), técnico da seleção brasileira masculina de basquete campeã do Pan-Americano de Indianápolis (1987) e último brasileiro a dirigir a equipe nacional em Olimpíadas (1996). O esportista não foi objeto de estudo biográfico anterior, seja na academia ou no mercado editorial. A ausência de teses, dissertações, artigos e livros amplia a dificuldade de uma pesquisa complexa e extensa. O artigo aborda a confecção e organização do arquivo com dados do técnico e a pertinência dos registros jornalísticos para traçar uma linha do tempo de acontecimentos. Essa estratégia situa o andamento da pesquisa, identifica pontos a serem apurados, permite checar dados e compreender a evolução da imagem de Ary Vidal. A conclusão destaca a importância desses procedimentos e da metodologia da complexidade para religar os saberes necessários à pesquisa e à escrita biográfica.

Palavras-chave: Ary Vidal; pesquisa biográfica; arquivo; jornalismo; basquete.

ABSTRACT

This article discusses ongoing research that traces the trajectory of Ary Ventura Vidal (1935-2013), coach of the Brazilian men's basketball team that won the Pan-American Championship in Indianapolis (1987) and the last Brazilian to coach the national team in the Olympics (1996). The sportsman had not been the subject of a previous biographical study, either in academia or the publishing market. The absence of theses, dissertations, articles, and books increases the difficulty of conducting such a complex and extensive research. The article addresses the creation and organization of a file with data about the coach and the relevance of media records in constructing a timeline of events, a strategy for situating the research, identifying points to be investigated, verifying data, and understanding the evolution of Ary Vidal's image. The conclusion highlights the importance of these procedures and the methodology of complexity in reconnecting the necessary knowledge for research and biographical writing.

Keywords: Ary Vidal; biographical research; archive; journalism; basketball.

1 Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Mestre pelo mesmo programa, possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2009). É autor dos livros "Corinthians do Ary Vidal", que narra a saga da Pitt/Corinthians, único clube do Rio Grande do Sul a conquistar o campeonato brasileiro de basquete, e "7 mil dias - A volta de Santa Cruz do Sul à elite do basquete". É repórter do portal g1 em Brasília.

Introdução

Ary Ventura Vidal (1935-2013) dirigiu a seleção brasileira masculina de basquete em 118 partidas oficiais, das quais 16 em Olimpíadas (1988 e 1996), e a feminina em 11, conforme registros da Confederação Brasileira de Basquete (CBB). O técnico alcançou os números com trabalhos nos anos 1960, 1970, 1980 e 1990. O mais notável durou de 1985 a 1988, quando treinou a geração de Oscar Schmidt e Marcel de Souza, responsável por um feito inédito: em 23 de agosto de 1987, o Brasil venceu a favorita equipe dos Estados Unidos por 120 a 115 e conquistou a medalha de ouro dos Jogos Pan-Americanos de Indianápolis (EUA)².

Jornais de grande circulação celebraram o título. "Basquete tem a maior vitória do Pan", estampou a capa do *Jornal do Brasil* (1987). "Basquete espetacular!", veiculou a *Folha da Tarde* (1987, p. 7) no caderno de esportes: "Vencemos, ontem, nos Estados Unidos por 120 a 115, uma equipe que nunca antes havia perdido dentro de sua própria casa". A façanha constou na capa do *The New York Times* (1987), que publicou a chamada "*Brazil Upsets U.S. to Win Basketball Gold Medal*", acompanhada de foto de Marcel.

A conquista não atraiu pesquisadores interessados na trajetória de Ary a fim de produzir uma biografia: "narrativa retrospectiva da vida de uma pessoa, realizada por outra" (Damaseno, 2002, p. 25), fruto de pesquisa exaustiva que busca, também, compreender a intimidade do indivíduo (Edel, 1990). A proximidade dos 40 anos do título incentiva a pensar sobre quem foi Ary por meio de um olhar que congregue comunicação, biografismo e esporte. Tal reflexão é feita de forma inicial neste artigo.

Marques (2021) cita o prestígio reduzido das pesquisas sobre esporte na Comunicação, histórico influenciado por trabalhos realizados entre os anos 1960 e 1980, guiados por visão neomarxista do esporte, associando-o ao lazer e à alienação. Segundo o autor, o esporte se tornou um fenômeno social, impulsionado pela cobertura midiática, que modifica relações e impacta identidades. Assim, Comunicação e esporte, com auxílio de outros saberes, permitem pensar e relatar a vida de um técnico e a forma como ele foi percebido pelos demais, adotando uma perspectiva comunicacional (Sacramento, 2012).

Silva (2024, p. 13) incentiva aproximações entre Comunicação e biografismo, campos com pontos convergentes, como os "limites entre realidade e ficção; verdade e mentira, documento e ficção, história e narrativa, ciência e arte". Professor e biógrafo, ele entende que a Comunicação oferece contribuição reflexiva aos estudos biográficos graças à complexidade metodológica e aos contatos com outras áreas e articulações narrativas. Essa contribuição se verifica na trajetória de vida de um esportista, cuja narrativa influencia imaginários e pode ser considerada comunicacional por contar histórias (Silva, 2024). Conforme Morin (2017, p. 103), estética e comunicação alimentam "o imaginário por meio do real e o real por meio do imaginário".

A imprensa como fonte histórica (Barros, 2023) ganha destaque na pesquisa de um personagem pouco estudado e com rastros dispersos. Qual a relevância do registro jornalístico na investigação sobre um sujeito cuja obra é o resultado esportivo de uma carreira longa? Neste artigo, apresentamos um perfil biográfico de Ary, ancorado na sua fortuna crítica de mídia, formada a partir de um arquivo da própria pesquisa. Também abordamos os desafios da execução

2 Competição disputada desde 1951 entre países da América nos moldes das Olimpíadas. Mais informações em <https://www.panamsports.org/en/about-panamsports/history/>.

da biografia de um técnico e a formação do arquivo para traçar a linha do tempo capaz de guiar o restante da pesquisa que também registra a evolução do basquete brasileiro.

Desenvolvimento

Impor a inédita derrota à maior força do basquete foi o acontecimento da vida de Ary mais destacado nos obituários publicados em janeiro de 2013, quando ele morreu aos 77 anos no Rio de Janeiro. “Basquete brasileiro perde o técnico Ary Vidal, herói do Pan de 1987”, noticiou o site *Globo Esporte* (2013); “Morre o técnico campeão do Pan de 87”, escreveu Valéria Zukeran em *O Estado de S. Paulo* (1987). A medalha foi o principal valor-notícia (Traquina, 2008) de registros sobre um homem que viveu seis décadas no basquete, com trabalhos em clubes e seleções no Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Peru, Arábia Saudita e Espanha.

A fragmentação dos rastros dessa trajetória e a necessidade de reagrupá-los para enfrentar o desafio biográfico (Dosse, 2009) permitem o emprego do olhar complexo de Morin (2008), cujo método pensa informação (*computo*), comunicação (*cogito*) e conhecimento (*complexus*) na perspectiva da religação dos saberes. Tal metodologia adota noções de holograma (relação entre as partes e o todo), dialogia (comunicação entre os campos) e recursividade (retorno às questões iniciais). Fortes (2023), nos estudos do esporte na Comunicação (ECC), incentiva o conhecimento de trabalhos de história e história do esporte, orientação pertinente na labuta biográfica.

Transdisciplinar e complexa, como é a relação do jornalismo com a literatura, os esportes e as ciências, esta investigação sobre Ary representa um desafio devido às múltiplas linhas de apuração. Até o momento, poucas pesquisas compilaram informações sobre o técnico. Camila Moreira (2000) assinou *Indianápolis 87: a biografia de uma geração*, com resumos biográficos dos campeões do Pan. Na dissertação *A bola laranja do Triângulo Mineiro*, Deisiane Cabral (2017) fez dois livros-reportagem e citou a participação do esportista na criação da equipe Unit/Uberlândia.

Ary apareceu, na condição de entrevistado, na dissertação *O basquetebol em Santa Cruz do Sul*, de Gilmar Weis (1996), e foi citado em trabalhos da área de Educação Física sobre treinamento, pedagogia e relação com atletas, além de resgates históricos da seleção. Informações do técnico constam no livro autobiográfico *Basquetebol para vencedores* (Vidal, 1991) e em biografias de outros personagens e livros-reportagens, entre os quais: *Corinthians do Ary Vidal* (Roesler, 2019), que recuperou o título brasileiro da Pitt/Corinthians em 1994; *Mulheres à Cesta* (2009), de Claudia Guedes, sobre o basquete feminino no Brasil; *Oscar Schmidt – 14 motivos para viver, vencer e ser feliz*, de Elias Awad (2014); *Oscar Schmidt*, de Odir Cunha (1996); e a autobiografia *Oscar Schmidt: conquistando o sucesso* (2009). Ary ainda apareceu no documentário *Revolução dos 3*, de David Feldon (2020), que explica como a seleção venceu o Pan de 1987 e influenciou o basquete.

A escassez de material amplia a relevância da busca em acervos de imprensa e da confecção de um arquivo próprio. Para Cunha (2004), os arquivos são repositórios de memórias pessoais e coletivas, que podem e devem ser empregados para compreender os contextos simbólico e social de produção de narrativas sobre acontecimentos e personagens – atributos importantes para um olhar comunicacional de uma vida no esporte.

Essa característica permite abordar uma trajetória sob a perspectiva dialógica de Sacramento (2012, p. 462-463), que vai além do foco nos feitos do personagem, já que o método destaca “como um conjunto de processos comunicacionais constituiu a imagem e a memória da carreira de um intelectual no tempo de sua duração”, estruturando uma “existência pública”. Trata-se de um caminho para produzir uma narrativa biográfica comunicacional, que valoriza contextos e a forma como o protagonista foi percebido na sociedade, um discurso tecido com textos dele e sobre ele. Ary esteve a maior parte de seus 77 anos no basquete, modalidade presente desde 1936 em Olimpíadas e alvo da cobertura esportiva, embora receba espaço reduzido em relação ao futebol, esporte mais popular do Brasil.

Resumo biográfico

Ary Ventura Vidal nasceu em 28 de dezembro de 1935 no Rio de Janeiro. Único filho de Alberto Gomes Vidal e Dulce Ventura, cresceu entre a Tijuca e Vila Isabel em uma família de classe média. O pai era linotipista e a mãe, dona de casa.

Flamenguista, Ary gostava de futebol, jogava como goleiro, mas optou pelo basquete. Foi armador do Tijuca (RJ), porém se considerava medíocre (Vidal, 1991). No clube, virou técnico de jovens no começo dos anos 1960, quando cursava Educação Física na atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ele também trabalhava no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), já que a atividade no basquete era amadora.

Em 1963, Ary reforçou no Flamengo (RJ) a comissão de Togo Soares, o Kanela, técnico bicampeão mundial pela seleção (1959-1963). Na sequência, dirigiu Tijuca, Fluminense (RJ) e Vasco (RJ). Em 1965, conquistou o título sul-americano pela seleção feminina. Em dezembro de 1966, dirigiu a masculina em um Sul-Americano na Argentina (*Jornal do Brasil*, 1966), tarefa que o obrigou a adiar seu casamento. Obteve o segundo lugar e, na semana seguinte, casou-se com Heloisa de Mayrink, ele aos 31 anos, ela aos 23.

O casal morou em Copacabana. Ary ansiava viver do basquete, mas a renda do esporte era insuficiente. Em 1967, após o oitavo lugar no Campeonato Mundial da Tchecoslováquia, foi dispensado da seleção feminina. Em 1972, assumiu as seleções do Peru. Deixou Heloisa e as filhas Flávia e Andréa, nascidas em 1968 e 1971, e trabalhou por dois anos fora do Brasil, conquistando um título sul-americano feminino (*Folha de S. Paulo*, 1974).

De volta ao Rio, Ary, aos 39 anos, pediu demissão do IBGE para ser técnico em tempo integral. Em 1977, dirigiu o time masculino do Brasil no Sul-Americano do Chile, que marcou a estreia oficial de Oscar Schmidt na seleção. Aos 19 anos, o rapaz, que se tornaria um dos maiores cestinhas do basquete, contribuiu com 62 pontos para o título invicto.

Em 1978, Ary treinou o Remo (PA) por dois meses e dirigiu a seleção no Mundial das Filipinas. Na disputa do bronze com a Itália, vitória por 86 a 85 com cesta de Marcel quase do meio da quadra no segundo final. Foi a última medalha do país no torneio. Apesar do feito, o técnico teve atritos com atletas experientes, que permaneceram no elenco que ganhou o bronze no Pan de Porto Rico, em 1979. A medalha foi solapada pela “rebelião dos veteranos” (Vidal, 1991), com técnico e jogadores trocando críticas pela imprensa.

Demitido, Ary passou pelo Minas Tênis (MG) e, em 1982, fechou com o Al-Ahli da Arábia Saudita. Em 1985, retornou à seleção. Conquistou um Sul-Americano (1985) e o quarto lugar no Mundial (1986), primeiro torneio da Federação Internacional de Basquete a utilizar a cesta de três pontos (De Rose Junior, 2024). Arremessos convertidos de uma linha distante 6,25m da cesta passaram a valer três pontos em vez de dois. Oscar e Marcel convenceram Ary a apostar na novidade, estratégia decisiva no Pan de 1987.

O Brasil enfrentou a seleção norte-americana, invicta em jogos oficiais em casa. A equipe perdia por 68 a 54 no intervalo, reagiu e venceu por 120 a 115. O resultado, combinado à vitória soviética na Olimpíada de Seul (1988), incentivou o movimento que pôs os astros da NBA³ na Olimpíada de 1992, o *Dream Team*. A estratégia de Ary antecipou a forma como o basquete passou a ser jogado, em especial a partir de meados dos anos 2010 na NBA, com predomínio dos arremessos de três pontos (Feldon, 2020).

A façanha gerou expectativa de medalha olímpica em 1988, porém o quinto lugar selou a saída de Ary. Na ocasião, o técnico havia trocado o Sírio (SP) pelo Juver da Espanha, mas foi demitido em quatro meses. Ele reapareceu em 1990 em Santa Cruz do Sul, cidade de 130 mil habitantes, para dirigir o Corinthians (RS), clube até então semiamador. A equipe ganhou o inédito título brasileiro em 1994 ao vencer Franca (*Zero Hora*, 1994), quebrando duas décadas de hegemonia paulista. A passagem por quadras gaúchas ainda resultou em dois vices nacionais e se encerrou em 1997.

O título brasileiro recolocou Ary na seleção para buscar a vaga na Olimpíada de Atlanta, em 1996 (Araújo, 1994). Ele convenceu Oscar a desistir da aposentadoria da seleção, o Brasil se classificou e ficou em sexto lugar. Foi a última aparição do craque e de Ary na equipe. O técnico foi o último brasileiro a treinar o time nacional em uma Olimpíada – o argentino Ruben Magnano o comandou em 2012 e 2016 e o croata Aleksandar Petrović em 2024; o Brasil não obteve a vaga em 2000, 2004, 2008 e 2021.

Ary ainda treinou o Flamengo e o Unit/Uberlândia (MG), que estreou na primeira divisão nacional em 1999 (Cabral, 2017). Em 2000, fracassou ao tentar a vaga na elite do basquete pelo Sport (PE). Um acidente vascular cerebral encerrou sua carreira de técnico. Após, ele auxiliou na gestão de equipes e, em 2009, virou diretor do Flamengo, onde foi campeão brasileiro. Aposentado, cedeu seu nome ao troféu de melhor técnico do campeonato nacional, o NBB. Em outubro de 2012, Ary foi hospitalizado no Rio com problemas cardíacos e renais. Após dois meses, retornou para casa, onde morreu no mês seguinte, em 29 de janeiro de 2013, vítima de infarto.

Arquivo e linha do tempo

Para narrar a vida de Ary é preciso reunir rastros: certidões, fotografias, livros, cartas, recortes de jornais, testemunhos, enfim, seguir os passos da confecção de uma biografia contemporânea, segundo entendimento de Ruy Castro (2022), autor de *Estrela Solitária – um brasileiro chamado Garrincha* (1995), uma das biografias de esportistas de maior sucesso editorial do país.

3 A *National Basketball Association* (NBA) é a principal liga profissional de basquete do mundo. Reúne equipes dos EUA e do Canadá. Mais informações em: <https://www.nba.com/history>

O método de apuração visa recuperar uma trajetória, que Kofes (2021, p. 27) entende por “processo de configuração de uma experiência social singular”. A pesquisadora leva em conta a crítica de Bourdieu (2006), para quem, diante do caos, incertezas e imprevistos da vida, é artificial sincronizar eventos e apostar em conexões para entregar ao leitor o relato que ele tende a consumir como verídico. Kofes (2021), contudo, entende ser possível narrar uma trajetória, um itinerário.

Recuperar uma trajetória cobra apuração exaustiva. Reunidos desde a década passada, rastros catalogados de Ary estão em um acervo digital com reproduções de certidões; fotografias; entrevistas; estatísticas de jogos e convocações da seleção⁴; livros sobre basquete; links de vídeos e entrevistas no *YouTube*; e mais de 2 mil de páginas de jornais dos anos 1950 aos 2010. *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Jornal dos Sports*, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Correio de Uberlândia* e *Gazeta do Sul* respondem pela maior parte dos registros. Os itens foram coletados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e nos acervos de jornais, arquivos públicos, da CBB e de terceiros.

Um arquivo organiza e salva itens do esquecimento, viabilizando interpretações e reelaborações a respeito de acontecimentos, já que oferece dados para que a visão do que ocorreu no passado seja construída por quem analisa as informações no presente (Assmann, 2011). Para Maciel (2009, p. 16), acomodar, classificar, distribuir e ordenar “nunca deixarão de ser imperativos para nossa necessidade de fixar as ordens que nos permitam sobreviver ao caos da multiplicidade e da diversidade”.

Com o levantamento em curso, é possível traçar uma linha do tempo, mesmo que inacabada, da carreira de Ary, uma fortuna crítica jornalística aos moldes das revisões bibliográficas feitas sobre escritores, com registros de uma trajetória pontuada por glórias e fracassos (Carpeaux, 1951). No caso de um técnico, as obras são os resultados esportivos avaliados por repórteres, comentaristas e torcedores. Quanto maior o apelo da equipe e da modalidade, maior o espaço concedido na mídia em um fenômeno intermitente, de aparições, sumiços e reaparições (Didi-Huberman, 2011).

A linha do tempo permite um olhar longitudinal da trajetória de Ary, incentiva olhares micro e macro e facilita a identificação de pontos carentes de documentação. O arquivo desta pesquisa é farto de material das décadas de 1980 e 1990, mas parco de registros dos trabalhos no exterior, no Pará e em Pernambuco, bem como dos anos iniciais de carreira e dos últimos anos de vida do técnico, períodos importantes para enfrentar o desafio de compreender o personagem, “suas ambivalências, incertezas e insuficiências”, “suas sombras e seus sonhos” (Silva, 2024, p. 6).

Na fortuna crítica de mídia, a imprensa é “fonte histórica”, serve de caminho, nas palavras de Barros (2023, p. 27), para se aproximar de outros objetos de estudo e modalidades historiográficas: “a história política, a história econômica, a história cultural, e assim por diante”. Na pesquisa em andamento, o arquivo criado também enfrenta a tradição de preservação precária da memória do esporte brasileiro. Tal fenômeno amplia o risco de apagamento gradual de trajetórias cujos rastros estão, em sua maior parte, esparsos em arquivos pessoais e institucionais (Almeida, Veloso e Rubio, 2021).

Entrevistas e imaginário

Reunir em um arquivo entrevistas publicadas pela imprensa é fundamental na empreitada biográfica. São depoimentos concedidos por Ary, atletas, treinadores, dirigentes, jornalistas e familiares. O mix de fontes revela opiniões e imagens do técnico sobre si e de terceiros sobre ele: um homem descrito como obcecado por basquete; adepto do jogo ofensivo; convicto e teimoso; exímio motivador, mas ríspido nas críticas impulsionadas por explosões de ira; carismático e autor de frases de efeito; fumante compulsivo, apreciador de uísque e carteador.

É importante salientar que as informações repassadas em entrevistas não podem ser encaradas de imediato como verídicas. Morin (1973, p. 120) lembra que a entrevista se funda na palavra, a “mais duvidosa e mais rica das fontes”, por isso representa o “risco permanente de dissimulação ou de fabulação”. Entrevistados se esquecem de detalhes, mudam versões, podem adaptar o relato conforme a plateia. As memórias são deformadas pelo esquecimento, pelo pudor e pela preocupação em proteger amigos ou cúmplices.

A desconfiança também se aplica às cartas, diários e textos autobiográficos diante do risco de distorções, exageros, omissões e mentiras (Vilas Boas, 2002). Ary lançou em 1991 *Basquete-bol para vencedores*, livro no qual contou histórias, descreveu métodos e deu opiniões sobre a modalidade. O título mostra que ele se considerava um vencedor. Relatos do gênero merecem reservas, mas são fontes importantes. Segundo Lira Neto (2022, p. 87), conferem “à narrativa maior detalhamento, vivacidade e sabor cotidiano, além de serem reveladoras da autoimagem construída pelo biografado”.

Ao jornal *Gazeta do Sul* (2009, p. 7), Ary afirmou que “não gostava de ser chamado de treinador e sim de técnico, que é aquele que domina o detalhe”. Ele entendia que treinadores adestravam cavalos, ensinavam movimentos mecânicos, enquanto um técnico desenvolve atividade intelectual refinada. O técnico concedeu centenas de entrevistas à imprensa, a maior parte de estilo ritual (Morin, 1973), com declarações curtas antes e depois de partidas, nas quais influenciou a percepção sobre si, revelando um “conjunto de momentos autobiográficos” com “centelhas de vida, lembranças, asseverações, experiências” (Arfuch, 2012, p. 163). O material catalogado auxilia a entender o pensamento de Ary e enriquece a linha do tempo de mídia que guia o estudo.

Edel (1990) compara o biografismo ao ofício do artesão na produção de um mosaico, formando a figura com as peças disponíveis. Os relatos da imprensa são insuficientes para desvendar o íntimo do personagem, contudo, oferecem pistas. Dosse (2009) valoriza a imprensa na pesquisa biográfica, capaz de fazer contrapontos às informações de cartas, diários e depoimentos. O material, entretanto, não pode ser visto como a totalidade do indivíduo, já que está sujeito a equívocos. Medina (2000, p. 34) frisa que o jornalismo, por conta da presentificação e da periodicidade curta, “informa aproximações mais superficiais, sujeitas a erro, mas, faça-se justiça, salva o presente histórico da morte”. Cabe à pesquisa científica estabelecer métodos capazes de organizar, checar e utilizar esse quadro de referências em análises aprofundadas.

O conteúdo da imprensa fornece visão crítica de como a mídia, sobretudo grandes veículos do Rio de Janeiro e de São Paulo, descreveu e avaliou Ary. Segundo Moura (2012), o jornal é uma vitrine variada de parte da realidade, que capta as ocorrências e as relata mediante recortes com determinados pontos de vista. A mídia não determina, mas influencia a percepção do público,

alimenta um imaginário do indivíduo. Ana Barros (2010) afirma que o imaginário é mais do que uma coletânea de imagens, pois gera significados, organiza e conecta. O jornalismo faz recortes e os compartilha diariamente em um contexto de identidades em constante atualização.

Para Silva (2018, p. 8), trajetórias de vida vistas a partir de arquivos implicam “hologramas, imagens-ideias ou ideias-forças”, que derivam de “cruzamentos de dados, imbricamentos e linhas de fuga”. As conexões são facilitadas com a linha de registros de imprensa. As notícias permitem mapear como Ary foi descrito e o que disse sobre si, o basquete e o país, bem como a evolução do seu imaginário. O material de mídia não encerra a apuração, mas serve de partida e guia de trabalho. As interações entre protagonista, jornalistas e veículos se alimentaram, produziram leituras e legaram imagens de um dos mais vitoriosos técnicos do basquete brasileiro.

Conclusão

A pesquisa biográfica de Ary trata de um esportista com mais de 60 anos de atuação no basquete, que dirigiu 13 clubes e foi o único profissional a comandar a seleção brasileira em quatro décadas diferentes (1960, 1970, 1980 e 1990). Uma trajetória profissional longa e com tanto tempo de exposição na mídia apresenta um desafio biográfico complexo que demanda a procura por múltiplos rastros dispersos em diferentes repositórios. O entendimento desse material pede a religação de saberes.

A biografia coloca em um relato verbal, documentado, inteligível e com preocupação estética acontecimentos que um indivíduo vivenciou ao longo de sua existência. A pesquisa não cobre a totalidade de uma vida, porém deve persegui-la a fim de entregar ao leitor o que o biógrafo considera essencial para revelar o personagem. Trata-se de um trabalho complexo que, no caso de um técnico, envolve conhecimentos de pesquisa documental, história do esporte, literatura, comunicação, imaginários, antropologia, sociologia, educação física e basquete.

Para avançar na apuração e não se perder no caos, é fundamental organizar documentos, fotografias, áudios, vídeos, textos de autoria do biografado e de terceiros, entrevistas, estatísticas de jogos, reproduções de páginas de jornais/revistas. O repositório em construção nesta pesquisa salva fontes do esquecimento e combate a tradição nacional de preocupação esporádica com a preservação das memórias do esporte.

O acervo preserva memórias, subsidia estudos e viabiliza a linha do tempo traçada com registros de imprensa. No estudo de pessoas biografadas e/ou de vultos históricos, há menor dependência de conteúdo de mídia, pois os indivíduos foram pesquisados e, muitas vezes, têm arquivos organizados. Com Ary, o garimpo de imprensa se torna mais relevante porque amplia os fragmentos à disposição e viabiliza a linha temporal do técnico. É preciso, no entanto, cuidado para não apresentar um relato teleológico, como se o esportista fosse predestinado. Acasos, improvisos, erros e acertos marcam uma vida.

A fortuna crítica de Ary na imprensa é viável por retratar um personagem contemporâneo, com exposição midiática desde a segunda metade do século passado, período de proliferação e consolidação de veículos cujo conteúdo pôde ser arquivado. O método orienta os passos seguintes da apuração, permite identificar versões contraditórias, lacunas, assuntos e épocas carentes

de documentação. A imprensa dá conta da face pública do técnico, mas não se aprofunda em questões íntimas, linha da investigação que terá de ser contemplada com outras fontes.

Organizar a linha temporal de registros de imprensa facilita checagens por meio do cruzamento de informações. A checagem é procedimento básico para uma narrativa comprometida com a não ficção e auxilia a registrar a evolução da imagem pública do personagem. Também viabiliza entender como o sujeito foi representado pela mídia que, por sua vez, influencia a construção de imaginários. É preciso contemplar as ações individuais e o contexto social e histórico da vida de Ary. A forma como ele se projetou no meio social e como foi percebido são elementos importantes para chegar a uma narrativa fidedigna. A pesquisa biográfica do técnico é um trabalho distante da conclusão e que, diante da escassez de material acadêmico, tem na imprensa parte essencial da apuração.

Referências

ALVES, Edgard. Ary Vidal, técnico do ouro no Pan de Indianápolis-87, morre aos 77. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 de janeiro de 2013. Esporte, p. 3.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ALMEIDA, W. D. de; VELOSO, R. C.; RUBIO, K. **Olimpismo e memória: dos baús pessoais de atletas a um acervo público**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 24, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/64467>. Acesso em: 28 abr. 2025.

ARAÚJO, Bernardo. Ary Vidal volta à seleção e promete convocar Oscar. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 8 de novembro de 1994. Esportes, p. 4.

ARI VIDAL mudou a data do casamento para ser técnico da seleção de basquetebol. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1966. 1º Caderno, p. 19.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução de Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

AWAD, Elias. **Oscar Schmidt: 14 motivos para viver, vencer e ser feliz**. Barueri: Novo Século, 2014.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Comunicação e imaginário – uma proposta metodológica. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 125-143, jul./dez. 2010.

BARROS, José D'Assunção. **O jornal como fonte histórica**. Petrópolis: Vozes, 2023.

BASQUETE brasileiro perde o técnico Ary Vidal, herói do Pan de 1987. **GloboEsporte**, Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 2013. Disponível em: <https://ge.globo.com/basquete/noticia/2013/01/basquete-brasileiro-perde-o-tecnico-ary-vidal-heroi-do-pan-de-1987.html>. Acesso em: 15 abr. de 2025.

BASQUETE espetacular! **Folha da Tarde**, São Paulo, 24 de agosto de 1987. Edição de esportes, p. 7.

BASQUETE tem a maior vitória do Pan. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1987, p. 1.

BRAZIL Upsets U.S. to Win Basketball Gold Medal. **The New York Times**, Nova York (EUA), 24 de agosto de 1987, p. 1.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. Usos & abusos da história oral. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191.

CABRAL, Deisiane Maria Moreira. **A bola laranja do Triângulo Mineiro: realização de dois livros-reportagem sobre a história do basquete em Uberlândia**. Orientador: Rafael Duarte Oliveira Venâncio. 2017. Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, 2017.

CARPEAUX, Otto Maria. **Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação, 1951.

CASTRO, Ruy. **A vida por escrito: ciência e arte da biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CUNHA, Odir. **Oscar Schmidt: a biografia do maior ídolo do basquete brasileiro**. São Paulo: Editora Best Seller, 1996.

CUNHA, Olívia Maria Gomes. **Tempo imperfeito: uma etnografia no arquivo**. Mana, Rio de Janeiro, v. 10, n.02, p. 287-322, out. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132004000200003> . Acesso em 26 abri. de 2025.

DAMASCENO, Diana. **Biografia jornalística: o texto da complexidade**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2002.

DE ROSE JUNIOR, Dante. **Copas do mundo de basquetebol: 1950-2023**. São Paulo: Edições EACH, 2024.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

EDEL, Leon. **Vidas ajenas: Principia Biografica** [1984]. Trad. de Evangelina Nuño de La Selva. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 1990.

FELDON, Davi. **Revolução dos 3**. São Paulo, Mental Filmes, 2020, streaming Globoplay.

FORTES, Rafael. **Os estudos do esporte na Comunicação e a disciplina História**. In: VIMIEIRO, Ana Carolina; FORTES, Rafael. (Orgs.). A pesquisa em comunicação e esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Letra e Imagem Editora - selo Fólio Digital, 2023.

GRIJÓ, Fabio. Quarteto do Rio em ação. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 2001, p. 31.

GUEDES, Cláudia. **Mulheres à Cesta: o basquete feminino no Brasil (1892-1971)**. São Paulo: Miss Lily Comunicação, 2009

KOFES, Suely. **Uma trajetória, em narrativas**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

LIRA NETO, João de. **A arte da biografia: como escrever histórias de vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MACIEL, Maria Esther. **As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

MARQUES, José Carlos. **O fascínio do eterno retorno e a expectativa em torno do hexa: visões sobre a seleção brasileira e as copas do mundo de futebol**. In: HELAL, Ronaldo; COSTA, Leda; AMARO, Fausto; FONTENELLE, Carol. (Orgs.). Estudos em mídia, esporte e cultura. Rio de Janeiro: Appris/Faperj, 2021.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MOREIRA, Camila. **Indianápolis 87: a biografia de uma geração: a história da seleção brasileira masculina de basquete que venceu os EUA na final do Pan-Americano de 1987**. 2000. 126 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) - Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, São Paulo, 2000.

MORIN, Edgar. **A entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão**. In: MOLES, Abraham A. et al. (org.). Linguagem da Cultura de Massa. Petrópolis: Vozes, 1973.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. **O método 3 – conhecimento do conhecimento**. Tradução de Juremir Machado da Silva. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MORIN, Edgar. **Sobre a estética**. Rio de Janeiro: Pró-saber, 2017.

MOURA, Dione. **O relato jornalístico: além do atual, do singular e do extraordinário**. In: MOULLIAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.). O jornal: da forma ao sentido. Brasília: Ed. UnB, 2012, p. 323-340.

O BRASIL é verde. **Zero Hora**, Porto Alegre, 18 de abril de 1994. Caderno de Esportes, p. 1.

O PERU foi campeão do basquete feminino. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 de março de 1974. Esportes, p. 15.

O TÉCNICO dos técnicos. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, 17 de abril 2009. Esporte, p. 7

ROESLER, Guilherme Mazui. **Corinthians do Ary Vidal: a saga do único time gaúcho campeão brasileiro de basquete**. Santa Cruz do Sul: Gazeta Santa Cruz, 2019.

SACRAMENTO, Igor Pinto. **Nos tempos de Dias Gomes: a trajetória de um intelectual comunista nas tramas comunicacionais**. Rio de Janeiro, 2012. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO, 2012.

SCHMIDT, Oscar. **Oscar Schmidt: conquistando o sucesso**. Campinas: Komed, 2009.

SILVA, Gustavo de Castro. **A biografia como problema comunicacional**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica, [S. l.], v. 9, n. 24, p. e1209, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/18492> . Acesso em: 22 març. 2025.

SILVA, Gustavo de Castro. **Em busca de Guimarães Rosa: O processo de construção de uma biografia**. E-Compos, [S. l.], v. 22, n. 1, 2018. DOI: 10.30962/ec.1587. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1587> . Acesso em: 28 abr. 2025

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa e transnacional**. Florianópolis: Insular, 2008.

VIDAL, Ary. **Basquetebol para vencedores**. Porto Alegre: Editora Rigel, 1991.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias & Biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

WEIS, Gilmar. **O Basquetebol em Santa Cruz do Sul**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1998

ZUKERAN, Valéria. Morre o técnico campeão do Pan de 87. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 29 de janeiro de 2013. Esporte, p. 4.